

Atividade 1

Descrever, densamente, o trecho selecionado do documentário "Freenet" e ver minha pesquisa nesse espaço tempo.

O **documentário Freenet** convidou a conhecer diferentes cotidianos, em contextos socioeconômicos e culturais distintos, a partir dos quais, através das imagens compartilhadas, sons e narrativas, foi possível perceber como a desigualdade presente nos contextos citados se reproduzem no que se refere ao acesso e uso da internet.

No trecho especificado (00:09 min. ao 00:16 min.), acompanhamos diferentes praticantes compartilhando seus cotidianos e realidade. Iniciamos com a praticante Veronice, que apresenta aparentes características nordestinas, como a forma de se expressar. É uma empregada doméstica, faxineira que cria sozinha suas filhas e nos mostra, em uma narrativa muito detalhada as diferenças entre o serviço e tratamento oferecidos aos que moram numa área mais privilegiada e para aqueles de uma área menos favorecida, às vezes no mesmo bairro, no caso Morumbi e Paraisópolis – SP, respectivamente, no que se refere a temática abordada, acesso à internet.

Nesse processo conseguimos ver no entorno a movimentação nas ruas, a características das casas de Paraisópolis e os prédios do Morumbi. No entanto sem podermos enxergar um sem o outro. Na narrativa, a praticante Veronice afirma que *"[...] a divisão é uma divisão social entre as classes, (realidades) tão próximas e ao mesmo tempo tão distantes. [...] aqui os ricos e lá embaixo os pobres[...]".* Na parte de cima da rua, ela nos mostra a placa com a internet oferecida aos moradores do Morumbi e aponta que na mesma rua, na parte debaixo, o serviço da Vivo Internet Fibra não é oferecido aos moradores de Paraisópolis.

Na figura 1, a partir de uma vista aérea da cidade, podemos perceber a proximidade das duas áreas citadas, como Paraisópolis faz parte do Morumbi sendo impossível ver uma apartada da outra.

Figura 1: *Próximos, mas socialmente distantes* (Print de cenas do documentário.)



Fonte: <https://youtu.be/TSomRix04fQ>. Acesso em: abril. 2021.

Ainda observando as imagens, podemos ver os postes com um emaranhado de fios elétricos, a relação dos moradores com o espaço que habitam, com o bairro Paraisópolis acontece sob a transgressão da dignidade humana.

Figura 2: Retrato da diferença entre ricos e pobres. (Print de cenas do documentário.)



Fonte: Fonte: <https://youtu.be/TSomRix04fQ>. Acesso em: abril. 2021.

O documentário apresentou a fala de Veridiana Alimonti, uma advogada e representante do Instituto de Defesa do Consumidor do Brasil, que fez uma análise da distribuição do serviço de internet, e como ela segue em conformidade com o interesse econômico, que de certa forma explica as táticas desenvolvidas para obter o serviço de internet em determinadas áreas. Dentre essas táticas o documentário traz a de quatro praticantes que dividem o custo de R\$120,00 para terem esse acesso.

Acompanhamos a praticante Veronice pelas ruas de Paraisópolis até chegar na sua casa, ao seu computador onde ela nos explica a importância do acesso à internet no seu cotidiano, como acessar os serviços do governo, economizar o tempo que gastaria para ir ao banco, permitir que os filhos pesquem e estudem, e ainda, tomar conhecimento das fofocas.

Nesse percurso, no qual vimos as tábuas que servem de chão sobre o esgoto que corre a céu aberto e casas sem emboço, ela nos explicou, mostrando as fiações expostas e os 80 metros de fio que atravessavam paredes e seguiam pelas vielas até o modem, que possibilitava a conexão, mesmo que em condições precárias. Como narrado pela praticante, “[...] *para pegar a internet da pessoa você tem que comprar o seu cabo*”. E ela seguia narrando as diferenças entre o serviço e tratamento oferecidos aos que moram na área mais e menos privilegiada do mesmo bairro na cidade de São Paulo.

Transitamos, com a praticante Veronice nos ciceroneando pelas casas das outras praticantes, com uma parada na casa da praticante Lucimar assinante do serviço, a vizinha de quem a Veronice compra a internet, que narra nas etapas para obtenção do serviço e apresenta uma conexão lenta, apesar de seguir o desenvolvimento da tecnologia, mas desigual, com relação a qualidade do serviço oferecido as áreas menos privilegiadas, assim como a imposição num pacote acompanhado por uma linha telefônica, mesmo não sendo essa do interesse do contratante.

Na casa da praticante Lucimar percebemos a simplicidade das instalações e não foi possível identificar se a mesma exerce alguma função além da responsabilidade com a casa, marido e filhos que pudemos ver. Situação

similar à que conseguimos ver, num flash da praticante Lucimara, irmã da Lucimar, com sua família, marido e filhos, que participava do rateio pelo de serviço de internet.

Seguindo o caminhar pelos becos de Paraisópolis a praticante Veronice nos leva a casa da praticante Patrícia e seus filhos que, aparentemente, cria sozinha numa casa simples na qual podemos ver alguns aparelhos eletrônicos como um vídeo game, televisão e microondas, mostrando como a tecnologia está presente nas residências, independentemente da capacidade econômica.

A praticante Patrícia ainda explica o porquê do computador, que como os outros produtos vemos na figura 3, pois nele as crianças estudam e ela vê “as coisas da escola (e agora também) as notas da escola, pois tudo tem que ser pela internet”. De modo geral, somos obrigados a obter produtos que não precisamos (combos de telefonia), viver uma relação que favorece ao interesse econômico e não ao social, porque “[...]querendo ou não querendo você tem que ter tecnologia na sua casa”.

Figura 3: Tecnologia presente nos cotidianos (Print de cenas do documentário.)



Fonte: Fonte: <https://youtu.be/TSomRix04fQ>. Acesso em: abril. 2021.

Numa fala crítica, sobre a situação vivida, a praticante Patrícia traz a discussão sua percepção da prevalência do econômico sobre o social quando cita que no seu entendimento de que o acesso à internet deveria ser gratuito, pois “Deveria ser um direito do cidadão. Já se paga tantos impostos”. Ela diz

ainda que *“Não é que a gente quer ser rico, o mundo está levando a gente a caminhar com ele”*.

Observamos as estruturas familiares, duas mulheres com narrativas fortes e determinadas, criando seus filhos sozinhas e com poucos recursos (Veronice e Patrícia). Elas desempenharam o papel de protagonistas de algumas das situações suscitadas, como a importância do respeito a direitos individuais e universais, inclusive no que se refere a necessidade de seus filhos, qualidade de vida, igualdade de oportunidades e acesso à internet.

Ambas, com uma fala de quem luta para ter e oferecer aos filhos diferentes oportunidades, na medida que na percepção da praticante Patrícia *“[...] no bairro de gente rica a internet funciona. Pobre é mais esquecido. [...] A gente não tem direito a essas coisas. Entendeu?”*.

Figura 4: Contraste entre as casas e os prédios (Print de cenas do documentário.)



Fonte: Fonte: <https://youtu.be/TSomRix04fQ>. Acesso em: abril. 2021.

A narrativa e as descrições trazidas desenham o sentimento de que olha para o alto e enxerga a parede das diferenças imponentemente erguidas e representadas pelos prédios vistos em meio as paredes cruas de tijolo, como na figura 4, acima representada. Imagens que causam inquietações, ensejam reflexões e análises detalhadas.